Eduardo Galvão

(1921-1976)

LUIZ DE CASTRO FARIA

Eduardo Enéas Gustavo Galvão, PhD. — o nome por extenso e o título acadêmico só aparecem em currículo formal, preparado para satisfazer exigências burocráticas e ser arquivado. Em toda a sua vida profissional foi simplesmente Eduardo Galvão, ou apenas *o Galvão*, sem mais nada. Os nomes imponentes, que sugerissem ligações com antepassados ilustres, o uso de títulos e a divulgação de honrarias eram coisas das quais não podia deixar de rir. Galvão achava graça de tudo que não fosse simples, direto, sem floreios. Nunca investiu de maneira ostensiva contra o pedantismo, mas fez dele, não importa a forma do qual se revestisse, o elemento privilegiado da sua diversão. Isto o conduzia, necessariamente, a uma autocensura, como se depreende do seguinte trecho do prefácio à edição brasileira da sua tese de doutorado:

> Nesta versão, em língua portuguesa, procuramos manter fidelidade ao texto original, eliminando, porém, aqueles trechos que, embora adequados em uma tese, se tornariam pedantes em uma monografia descritiva.

Essa simplicidade, que era ao mesmo tempo maneira de ser e lição, essência e pedagogia, fez dele uma figura singular, sempre presente mas geralmente isolada. Deliberadamente ou não, tornou-se cada dia mais diferente dos seus pares, e sua trajetória permanecerá única.

Eduardo Galvão não apenas começou a sua carreira no Museu Nacional; ele foi produto de uma programação institucional, largamente documentada, e que teve como criadora e executora Heloisa Alberto Torres, que a partir dos anos 30, e cada vez mais ativa e

dominantemente a partir de 1935, se tornara uma figura central, contato obrigatório e mediação inevitável.

Nosso arquivo de correspondência permite que se acompanhem todos os empreendimentos de H. A. Torres no sentido da formação de antropólogos e de desenvolvimento da pesquisa de campo, não só neste domínio, como também das ciências naturais. Ocupava, de fato, duas posições estratégicas — diretoria do Museu Nacional e membro, por isto mesmo muito influente, do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas.

Em meio da sua correspondência com Franz Boas, por exemplo, encontra-se cópia de um ofício datado de janeiro de 1941, no qual afirmava: *"We would like to have Dr. Kennard of Dr. Jules Henry for linguistics and Dr. Charles Wagley for field training in social Anthropology"*. Os contatos formais com Boas, que inquestionavelmente serviu ao Museu Nacional tanto quanto se serviu desta instituição para cobertura dos trabalhos dos seus graduados da *Columbia University*, remontam ao início da década de 30; foram iniciados por E. Roquette-Pinto, continuados e ampliados por H. A. Torres.

Com Charles Wagley teve começo e desenvolvimento regular um verdadeiro programa, que incluía não apenas treinamento de antropólogos, mas privilegiava áreas e temas de pesquisa. Por decisão de H. A. Torres, que considerou o estudo de tribos do grupo Gê bastante avançado, pois a ele já se consagrara Curt Nimuendaju, para o estudo das tribos do grupo Tupi deveria voltar-se todo o esforço do Museu Nacional e dos pesquisadores estrangeiros associados.

Esclarece H. A. Torres:

> Os elementos disponíveis para a realização de trabalhos dessa natureza, entre nós, são de uma escassez alarmante. Mau grado todas as dificuldades, o Museu Nacional empreendeu, desde 1939, o estudo de índios da família tupi. Assim, têm sido visitados os Tapirapés de Mato Grosso (1939), por Eduardo Galvão e Nelson Teixeira; os Tembés (Tenehara) do Maranhão (1941), por Charles Wagley, Eduardo Galvão, Nelson Teixeira e Rubens Meanda; os Caiuvá do Sul de Mato Grosso (1942), por Eduardo Galvão e Nelson Teixeira, em companhia de James e Virginia Watson; os Tembés novamente em 1945 (Eduardo Galvão, Nelson Teixeira e Pedro Lima). Agora foram procurados os tupis do Xingu, sem dúvida como primeiro objetivo na região (in: Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu. M. N., *Publicações Avulsas* N.º 5, 1949, Introdução, p. 5).

Referindo-se, por sua vez, a essas iniciativas, diz Charles Wagley:

> O trabalho de campo entre os Tapirapé tornou-se possível por subvenção do *Columbia University Sociale Science Research Council* e foi feito sob a direção do dr. Ralph Linton do *Department of Anthropology,* Columbia University. No Brasil, as expedições aos Tapirapé foram feitas sob os auspícios do Museu Nacional ... Durante o mês de abril de 1940, entre os Tapirapé, reuniram-se a mim dois estudantes do Museu Nacional; esse mês foi dispendido em treinamento de técnicas de campo para coleta de material etnográfico. Assim, iniciou-se um projeto de treinamento em métodos de campo, em etnografia, continuado em 1941 e 42. Com subvenção do *Comittee for Inter-American Intellectual and Artistic Relations* voltei ao Brasil para trabalhar com o Museu Nacional, em julho de 1941, com este propósito. Realizou-se no Museu um curso, de três meses, sobre métodos de campo, e, de novembro de 1941 a abril de 42, foram feitos estudos etnográficos, pelo autor e três estudantes do Museu Nacional, entre os índios Guajajara, no Estado do Maranhão. (In Xamanismo Tapirapé. *Boletim,* M. N., n. s., *Antropologia,* N.º *3,* 1943).

No seu currículo, Eduardo Galvão menciona não só esse curso, como também o que fez em 1945 com o Prof. Artur Ramos, na Associação Brasileira de Educação. Era então, ainda, um estudante em fase final de graduação. Termina o curso de bacharel em Geografia e História em 1946, na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayete e, no ano seguinte, como bolsista do governo americano e auxílios da *Vicking Fund* e da *Columbia University,* inicia nesta universidade os seus estudos de pós-graduação (1947-1949), como candidato ao doutorado. Terminados os cursos exigidos retorna ao Brasil, trabalha intensamente e volta aos Estados Unidos em 1953 para defesa da tese, apresentada com o título *The Religion of an Amazon Community: a study in Culture Change.*

Essa trajetória acadêmica teve um alto custo para a instituição que lhe dera o impulso inicial.

Eduardo Galvão entrou para o Museu Nacional em agosto de 1942, como *Naturalista-Auxiliar,* interino. Foi efetivado nesse cargo de carreira científica em março de 1945, após concurso de provas, no qual obteve o primeiro lugar. Em novembro desse mesmo ano é nomeado interinamente para a classe inicial da carreira de *Naturalista,* hierarquicamente superior (Decreto de 14 de novembro de 1945).

Integrado na equipe de antropologia do Museu Nacional, elemento fundamental de um projeto de pesquisa em franco desenvolvimento, com forte apoio institucional assegurado por H. A. Torres e Charles Wagley, obtém em 1947 bolsa do *Institute of International Education*, com assistência do Governo dos EE.UU. da América do Norte, e complementações da Viking Fund, do Departamento de Antropologia da *Columbia University* e da *Society for Advancement of Sciences*, de Washington, para realizar estudos pós-graduados.

Solicita autorização para afastamento do país, mas seu pedido não é despachado com a brevidade necessária, a despeito da influência pessoal de H. A. Torres. Embarca antes do pronunciamento final do Governo, pois os cursos na Universidade de Columbia teriam início em fins de setembro. Vem a surpresa: seu pedido de afastamento é negado pelo governo. As razões do Museu Nacional e da então Universidade do Brasil não são levadas em conta. É feito um recurso, quase um apelo, e a resposta a este pedido de reconsideração é um simples *arquive-se*, determinado pelo Presidente da República. O fato é comunicado à direção do Museu Nacional pelo Reitor Ignacio M. Azevedo Amaral, e Eduardo Galvão recebe a notícia absurda e inquietante.

A sua decisão é imediata. Em carta datada de New York, 8 de outubro de 1947, e que encontrei na sua pasta de vida funcional no Arquivo Administrativo do Museu, transmite-a de maneira incisiva:

> Venho trabalhando para o Museu Nacional desde fins de 1939, sucessivamente como praticante gratuito, naturalista-auxiliar interino, naturalista-auxiliar efetivado, por concurso, e naturalista do quadro permanente interino. Minha folha de serviços, quer no que se refere à pesquisa de campo, quer nos trabalhos rotineiros da Divisão, ou ainda, na montagem da exposição de antropologia, atesta o esforço com que me dediquei às tarefas exigidas pelos diversos cargos...
>
> Contudo a negativa do meu afastamento, me coloca diante da situação difícil de deixar o Museu ou abandonar a possibilidade de aperfeiçoamento nos cursos de Antropologia da *Columbia University*. Optei pela primeira solução, pois, mais que uma situação material estável, prefiro a melhoria de conhecimentos científicos, única possibilidade de trabalhar com proveito na especialidade a que me dediquei. Peço, pois, minha demissão, sentindo nos motivos que a isso me levam certa decepção pelo que eles contêm de não reconhecimento de atividade profissional, e de interpretação demasiado rígida das leis correntes de administração que, em sua essência, certamente

não são elaboradas para impedir o aperfeiçoamento técnico daqueles a elas submetidos.

Exonerado, a pedido, do Museu Nacional, não se desliga, no entanto, da instituição, que o readmite em 1950, quando regressa ao Brasil, uma vez concluídos todos os requisitos formais para o doutorado. Como Pesquisador contratado, é reintegrado nos projetos de pesquisa que o Museu Nacional planejara e executava desde 1947 na área do Xingu, com a colaboração da Fundação Brasil Central. Em 1951 tem início outro projeto, sugerido por H. A. Torres, na área do Rio Negro.

Em 1952 desliga-se funcionalmente, para sempre, do Museu Nacional. Contratado pelo Ministério da Agricultura para o Serviço de Proteção aos Índios, com a função de Chefe da Seção de Orientação e Assistência, inicia um novo trajeto, rico de experiências. Em 1955 vai para o Pará, chefia a Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emilio Goeldi e ensina Etnografia do Brasil na Universidade Federal do Pará (1957-8). De 1963 a 1964 está em Brasília, como Professor Titular, Coordenador do Instituto de Ciências Humanas, Chefe do Departamento de Antropologia. Regressa ao Pará, onde permanece de 1965 a 1976 como chefe da Divisão de Antropologia do Museu Goeldi.

As suas publicações, quase meia centena, trazem todas o mesmo cunho. Estilo simples, direto, leve. Ele próprio classifica a sua tese de doutorado, despojada dos trechos pedantes, "adequados numa tese", de "monografia descritiva" (Santos e Visagens, 2.ª ed., 1976). Um estilo etnográfico, no melhor, no mais alto sentido.

Eduardo Galvão tinha com o seu mestre e amigo Charles Wagley um traço comum, ou melhor, uma dimensão comum, a sensibilidade não apenas para os objetos de conhecimento mas também para a percepção do valor e da significação existencial de cada pessoa, numa forma empática.

Ambos introduziram na literatura etnológica brasielira a referência amável e altamente elucidativa sobre os seus informantes, que são nominados, passaram a fazer parte das obras que de algum modo ajudaram a produzir (v. Os Índios Tenetehara). Charles Wagley com *Champukwi of the Village of the Tapirs* (*in* "In the Company of Man — twenty portraits of anthropological informants" gravou na história da pesquisa antropológica no Brasil uma mensagem do mais alto alcance.

Eduardo Galvão, como ele, era dotado dessa qualidade rara, que vulgarmente chamam de calor humano.

BIBLIOGRAFIA DE EDUARDO GALVÃO

WAGLEY, Charles & GALVÃO, Eduardo.

1946 — O parentesco Tupi-Guarani. *B. Mus. Nacional,* Rio de Janeiro, n.º sér. *Antrop. 6,* 24 p.

1948 — The Tapirapé. In: *Handbook of South American Indians. B. Bur. Amer. Ethnol.,* Washington, 143(3): 167-78, il.

— The Tenetehara Indians. In: *Handbook of South American Indians. B. Bur. Amer. Ethnol.,* Washington, 143(3) p. 137-48, il.

GALVÃO, Eduardo.

1949 — Apontamentos sobre os índios Kamayurá. In: *Observações zoológicas e antropológicas na região dos formadores do Xingu.* Rio de Janeiro, Museu Nacional. p. 31-48, il. (Publ. Av., 5).

1950 — O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu. *R. Mus. Paulista,* São Paulo, n.º sér. *4* p. 253-68, il.

1951 — Panema, uma crença do caboclo amazônico. *R. Mus. Paulista,* São Paulo, n.º sér. *5* p. 221-5.

— Boi bumbá; versão do baixo Amazonas. *Anhembi,* São Paulo, *3*(8) p. 275-91.

1952 — O estudo do sistema de parentesco. *Cultura,* Rio de Janeiro, *5* p. 27-39, il.

1953 — Breves notícias sobre os índios Juruna. *R. Mus. Paulista,* São Paulo, n.º sér. *6* p. 469-77, il.

— Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Xingu. *B. Mus. Nac.,* Rio de Janeiro, n.º sér. Antrop. 14, 56 p., il.

— Vida religiosa do caboclo da Amazônia. *B. Mus. Nac.,* Rio de Janeiro, n.º sér. Antrop. 15, 18 p., il.

1955 — Mudança cultural na região do Rio Negro. Simpósio sócio-etno-sociológico sobre comunidades humanas no Brasil. *Anais 31. Congresso Internacional Americanistas.* São Paulo, 1953. São Paulo, *Anhembi.* p. 313-9.

1957 — Estudos de Aculturação dos grupos indígenas do Brasil. *R. Antropologia,* São Paulo, *5*(1) p. 67-74.

1959 — Aculturação indígena no Rio Negro. *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi,* Belém, n.º sér. Antrop. 7, 60 p., il.

1960 — Áreas culturais indígenas do Brasil. *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi,* Belém, n.º sér. Antrop. 8, 41 p.

1962 — *Guia das exposições de Antropologia.* Belém, Mus. Pa. Emílio Goeldi. 47 p., il. (Guia, 1).

1963 — O cavalo na América indígena: nota prévia a um estudo de mudança cultural. In: 6.ª Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, 1963. *R. Mus. Paulista*, São Paulo, n.° sér. *14* p. 221-32.

— Etnologia brasileira nos últimos anos. Comentário introdutório à Sessão de Culturas Indígenas. In: 6.ª Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, 1963. *R. Mus. Paulista*, São Paulo, n.° sér. *14* p. 38-44.

— Elementos básicos da horticultura de subsistência indígena. In: Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, 1963. *R. Mus. Paulista*, São Paulo, n.° sér. *14*:120-44.

1964 — Encontro de sociedades, a nacional e a tribal no Rio Negro. *Anais e Memórias do 35.° Congresso Internacional de Americanistas*, México, 1962. p. 392-420.

1966 — *Encontro de sociedades tribal e nacional*. Manaus, Gov. Estado do Amazonas. 24 p. (Reedição).

GALVÃO, Eduardo & SIMÕES, Mário F.

1964 — Kulturwand und Stummersuberleben am oberen Xingu, Zentral Brasilien. *Sond, aus Velkerkundliche Abh. Niedersachsische Lendes Mus. Hannover. Abteil. fur Velkerkunde*, B. 1, p. 131-51, il.

1967 — Mudança e sobrevivência no Alto Xingu, Brasil Central. *R. Antrop.*, São Paulo, *14*:37-52. (Tradução).

1965 — Notícias sobre os índios Txikão. *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n.° sér. Antrop. 24, p. 23, il.

GALVÃO, Eduardo.

1967 — Estudos de antropologia na Amazônia. In: *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*. Belém, 1966. Rio de Janeiro, IBGE. v. 2 Antrop. p. 13-28.

— *Opus cit.* Manaus, Gov. Est. Amazonas, 23 p.

— Indigenous culture areas of Brazil, 1900-1959. In: HOPPER, J. H., ed. *Indians of Brazil in the twentieth century*. Washington, Inst. for Cross Cultural Research, p. 167-205.

— *Guias das Exposições de Antropologia*. 3 ed. Belém, Mus. Pa. Emílio Goeldi. 65 p. (Guias, 1).

1968 — Pesquisa e ensino de antropologia no norte do Brasil (Resumo) In: VILLA ROJAS, Alfonso. Informe para 1.ª e 2.ª Reunión Integración de ensenãnza con las investigaciones antropológicas, Mexico, 1968. *America Indigena*, Mexico, *28*(3) p. 778-81.

OLIVEIRA, Adélia M. E. & GALVÃO, Eduardo.

1969 — A Cerâmica dos índios Juruna (Rio Xingu). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, n.° sér. Antrop. 41, 19 p.

ARNAUD, Expedito & GALVÃO, Eduardo.

1969 — Notícia sobre os índios Anambé (rio Caiari, Pará). *B. Mus. Pa. Emílio Goeldi*. n.° sér. *Antrop.* 42, 11 p., il.

GALVÃO, Eduardo.

1970 — Indians and whites in the Amazonian region. *Zeitschrift f. Ethnologie*, Berlin, 95(2) p. 220-30.

— Editoração para publicação dos manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira, Antropologia. Iconografia e texto. Rio de Janeiro, Conselho Fed. Cultura.

1971 — Religião indígena no Rio Negro, In: ROQUE, C. *Antologia da cultura amazônica*. São Paulo, v. 6 p. 92-9.

WAGLEY, Charles & GALVÃO, Eduardo.

1972 — Caboclização das comunidades Tenetehara. In: FERNANDES, F., comp. *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional. p. 21-34.

GALVÃO, Eduardo & SIMÕES, Mário F.

1972 — Mudança e sobrevivência no Alto Xingu, Brasil Central. In: SCHADEN, E., ed. *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 183-208, il.

OLIVEIRA, Adélia E. & GALVÃO, Eduardo.

1973 — A situação atual dos Baniwa (Alto Rio Negro). 1971. In: *O Museu Goeldi no ano do Sesquicentenário*. Belém, Mus. Pa. Emílio Goeldi. 39 p. (Publ. Av., 20).

GALVÃO, Eduardo.

1973 — *Guia das exposições de antropologia*. 3 ed. Belém, Mus. Pa. Emílio Goeldi. 64 p., il. (Guia, 1).

1975 — Estudos de antropologia na Amazônia. Ed. comemorativa Prof. Charles Wagley. 60.° aniv. Gainesville, Fla., Univ. Florida.

MONOGRAFIAS

WAGLEY, Charles & GALVÃO, Eduardo.

1949 — *The Tenetehara Indians of Brazil; a culture in transition*. New York, Columbia Univ. 200 p.

1969 — *Opus cit.*, reimpressão.

GALVÃO, Eduardo.

1952 — *The religion of an Amazon community: a study in culture change*. Ann Arbor, Univ. Microfilms.

1955 — *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. Rio de Janeiro, Ed. Nacional. 202 p. (Brasiliana, 284).

1976 — *Opus cit.*, 2.ª ed.

WAGLEY, Charles & GALVÃO, Eduardo.

1961 — *Os índios Tenetehara, uma cultura em transição*. Trad. Rio de Janeiro, MEC, Serv. Documentação. 235 p.

AGUARDANDO PUBLICAÇÃO

— *O artesanato indígena na Amazônia Brasileira*. In: Amazônia. Coletânea organizada por ACF Reis. (entregue para publicação em 1968).

— *Áreas culturais indígenas do Brasil*.

— *Aculturação entre grupos tribais brasileiros*. Ms.

— *Encontro de sociedades, nacional e tribal*. Coletânea de trabalhos (entregue para publicação 1975).